

A RADIOTELEFONIA E O TEATRO: UMA PALESTRA RADIOFÓNICA DE ALMADA NEGREIROS

RESUMO

O texto *A Radiotelefonía e o Teatro* apresenta-se como “palestra radiofónica pela Emissora Nacional”, lida em 1935. À semelhança de tantas outras palestras que Almada Negreiros proferiu aos microfones das rádios, desconhecem-se registos áudio do que terá chegado aos ouvintes. Não temos a voz de Almada para preencher com a sua eloquência as entrelinhas deste acto comunicativo. Mas temos o dactiloscrito inédito, localizado no espólio do autor, que vem acrescentar alguns pontos ao conhecimento das noções que Almada definiu sobre a expressão e a linguagem das artes — entre elas, o teatro.

PALAVRAS CHAVE

TEATRO RADIOFÓNICO | TEATRO | PALESTRA | ESPECTÁCULO
| EMISSORA NACIONAL

ABSTRACT

The text “Radiotelephony and Theatre” presents itself as a “radiophonic lecture broadcast on Emissora Nacional (National Broadcasting Service)”, read in 1935. As with many other radio lectures presented by Almada Negreiros, an audio record of what the listeners heard is not known. We lack Almada’s eloquent voice to complete the meaning of the communication. Nevertheless, the unpublished dactylo-script of the lecture has been discovered in the literary estate of the author, adding some new information to what we already know of the concepts defined by Almada concerning the expression and language of the arts — namely the theatre.

KEY WORDS

RADIOPHONIC THEATRE | THEATRE | LECTURE | PERFORMANCE
| NATIONAL BROADCASTING SERVICE

SÍLVIA LAUREANO COSTA
IELT | FCSH/UNL
Doutoranda em Estudos Portugueses



A *Radiotelefonía e o Teatro* é o título da palestra que Almada Negreiros, em Agosto de 1935, leu aos microfones da Emissora Nacional e que, por se encontrar inédita, a seguir se transcreve.

Em 1933, começaram as emissões experimentais desta estação de rádio, tornando-se regulares em Agosto de 35 por interesse e intermédio do Estado Português. No entanto, os arquivos da rádio não conservaram o áudio desta palestra de José de Almada Negreiros. A contenção de custos inviabilizava gravações frequentes e, por vezes, uma gravação substituía outra na mesma bobine. Por esse motivo, dos primeiros anos da Emissora Nacional subsistem principalmente os discursos pronunciados por personalidades afectas ao regime. Sem o registo da voz de Almada Negreiros, a certeza de que disse esta palestra aos microfones da rádio foi-nos dada pelo *Boletim da Emissora Nacional*, que começou a ser publicado precisamente no mês da sua abertura oficial e no qual ficaram registados os principais momentos da programação desta estação. A lista de palestrantes que passaram pela Emissora Nacional naquele Agosto é extensa e, ao lado de nomes como Irene Lisboa, Henrique Galvão (o director deste *Boletim*), Luiz de Freitas Branco, Fernando Amado, entre outros, surge o de José de Almada Negreiros com “A Radiotelefonía e o Teatro”¹ — texto que acaba por não ser publicado no *Boletim*, ao contrário do que acontece com outras palestras.

Antes de chegarmos a esta informação, *A Radiotelefonía e o Teatro* era apenas o título de um documento batido à máquina, com emendas manuscritas existente no espólio documental e artístico de Almada Negreiros.

O trabalho de recolha, inventariação, digitalização e estudo que tem vindo a ser realizado sobre uma parcela considerável dos espólios de José de Almada Negreiros e de Sarah Affonso tem-se revelado determinante para localizar alguns documentos, investigar outros e ir completando este *puzzle* extenso, heterogéneo e disseminado por várias colecções².

Ora, o que se sabia sobre este texto? Quase nada. Nas informações cronológicas disponíveis sobre o autor não havia qualquer referência à apresentação desta palestra. Era como se nunca tivesse sido dita. Não obstante, Nuno Júdice, no prefácio à edição fac-similada da revista *Sudoeste*, refere que um texto de Almada Negreiros, intitulado “A Telefonía e o Teatro”, iria fazer parte do quarto número da *Sudoeste* (Júdice 1982, VI) — revista essa que nunca foi publicada, mas que chegou a estar em preparação. Segundo as informações que este estudioso apurou junto de Dario Martins, amigo de Almada e administrador da *Sudoeste*, estavam já reunidos textos de vários autores como António Pedro, Branquinho da Fonseca, Cecília Meireles, Fernando Amado, Fernando Pessoa, Pardal Monteiro, Raul Leal, entre outros. Nesta edição fac-similada, foram incluídos dois dos textos destinados à *Sudoeste 4*, mas não o de Almada Negreiros.

De destacar ainda que, no espólio do autor, junto do dactiloscrito se encontra a prova tipográfica de uma possível versão final. O que nos leva a afirmar que estava prevista a sua publicação eminente, quer fosse no embrionário número quatro da *Sudoeste*, quer fosse no próprio *Boletim da Emissora Nacional*. Curiosamente, as características físicas destas provas, cor e dimensões do papel, assemelham-se às das duas publicações referidas. Mas, até à data,

¹ *Boletim da Emissora Nacional*, n.º 1, Agosto 1935, p. 81.

² A primeira fase de inventário do espólio à guarda dos herdeiros remonta ao ano 2000. No entanto, desde 2011 que este trabalho tem sido desenvolvido de forma sistemática através do projecto *Modernismo online* (IELT — FCSH/UNL), do qual faço parte, coordenado pelo Professor Doutor Fernando Cabral Martins e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pela Fundação Calouste Gulbenkian.

desconhece-se qualquer publicação deste texto — tanto em vida do próprio Almada, como postumamente.

Passemos à palestra propriamente dita.

Uma nova linguagem de arte

Quando, em 1935, Almada Negreiros profere esta palestra na rádio, o seu nome ecoa com familiaridade pelas telefonias de muitos dos ouvintes: artista, pintor, desenhador, poeta, conferencista... Almada regressa, em 1932, da sua estadia de cinco anos em Madrid e conquista um lugar de visibilidade no meio artístico português; é regularmente acompanhado pela imprensa, principalmente a lisboeta, e pela rádio que parece atribuírem-lhe um estatuto de *persona grata*, a avaliar não só pela cobertura dada à sua criação artística, como pelas entrevistas e pelas comunicações que lhe pedem.

Almada Negreiros abordou nesta palestra a relação entre a radiotelefonía e o teatro; pertinente a vários níveis: por um lado, o orador já havia mostrado o seu fascínio pelas artes do palco e, por diversas vezes, discorrido sobre a linguagem do teatro — pense-se, por exemplo, em *Pierrot e Arlequim*, de 1924, ou na palestra “O Cinema é uma Coisa e o Teatro é Outra”, de 1934³; por outro, a problemática em causa constituía uma preocupação premente para todos os que, naquela época, se ocupavam com os mundos da radiodifusão. Poucos anos mais tarde, em 1939, Carlos Queiroz assina a crónica quinzenal “O Problema do Teatro Radiofónico”, no *Rádio Nacional* (periódico que substituiu o *Boletim da Emissora Nacional*), fazendo uma reflexão aprofundada à volta das principais questões levantadas por este tipo de teatro.

A consolidação das emissões de rádio em Portugal criou a necessidade de se estabelecer uma programação diversificada, com grelhas que satisfizessem as exigências dos ouvintes, ainda que dentro das linhas estabelecidas pelo regime político. Para além da música, faziam parte dos programas de entretenimento da Emissora Nacional as leituras e a recitação, os espectáculos de “music-hall” e a transmissão de peças de teatro.

Para Almada Negreiros, pensar a presença do *teatro* na *telefonía* é, desde logo, equacionar a eficácia e as fragilidades de uma nova linguagem capaz de criar a ilusão da arte.

Nesta palestra, o autor abre com a constatação de que o teatro, em geral, não se pode subjugar às linguagens das outras artes, caso contrário, corre o risco de ser qualquer coisa de indefinido:

O teatro tem incorrido no desaire de expressar-se pelos modos próprios do cinema e o mesmo quanto ao cinema; quem não sofreu já a fadiga dos programas de cinema a fotografarem enredos e diálogos como no teatro? Mas antes do aparecimento do cinema, já o teatro tinha pecado mortalmente deixando-se subjugar pela maneira própria do romance e do folhetim.⁴

E aqui começam as questões estruturantes desta palestra, que se prendem com a transposição da linguagem de uma arte para outra: o teatro e a telefonía.

Almada nega a existência de linguagens estanques. Mas se, segundo as suas próprias palavras: “não é necessário impor cânones aonde os limites estejam inconfundíveis”,

³ Publicada com comentários acrescentados, segundo o próprio Almada, na revista *Sudoeste 2* (Outubro de 1935). De acordo com a notícia de imprensa (*Diário de Notícias*, 19 de Outubro de 1934), esta palestra foi dita na Emissora Nacional a 18 de Outubro de 1934, ainda durante o período de experimentação desta rádio.

⁴ A partir deste ponto, todas as citações do texto *A Radiotelefonía e o Teatro* são feitas a partir do dactiloscrito.

torna-se determinante circunscrever esses mesmos limites para que a transposição artística não seja apenas o subjugar de uma arte a outra arte. E isto aplica-se, desde logo, na relação do teatro com o cinema, assim como da pintura com a fotografia ou em qualquer expressão de arte que procure a transposição de linguagens — questões levantadas já em “O Cinema é uma Coisa e o Teatro é Outra”. O importante, segundo Almada, é não abandonar a *Poesia* presente na essência de cada arte; só desse modo se conseguirá manter a unidade, mesmo na diversidade de diálogos entre as diferentes linguagens de arte.

A nefasta influência da expressão de qualquer arte sobre outra, de linguagem de arte sobre outra, tem o seu cúmulo de desastre na separação que se faz da poesia e todas as outras artes. Qualquer dicionário nos ensina que a poesia é a arte de fazer versos. Claro que versos só se podem fazer com as palavras. Mas não é apenas com versos que se pode fazer poesia. A poesia é a verdadeira alma de toda e qualquer arte, de toda e qualquer expressão das linguagens da arte. E é até mesmo o seu sentido, a sua expressão de poesia, o que torna independente cada uma das várias linguagens da arte.

Delimitando a sua poética, o teatro conseguirá expandir-se, obedecendo aos desígnios da imaginação humana pois, nas palavras de Almada:

Dentro do próprio teatro não há uma expressão única de linguagem cénica. O teatro é ainda muito mais do que nós já hoje conhecemos. As suas possibilidades dentro dos

limites do teatro são inesgotáveis e exigem apenas que as imaginações individuais a elas se subordinem.

Com esta convicção, Almada assegura que o *teatro* terá muito a ganhar com a *telefonía* — trata-se, afinal, da possibilidade de criar uma nova linguagem de arte. O desafio consiste em fazer teatro usando o processo de conduzir o “som à distância” — sem que isso seja apenas transmitir uma peça de teatro pela rádio a partir de uma sala de espectáculos, como era comum na época. Mas, ainda que a criação de um novo conceito de teatro seja um repto interessante, não está a ter, para Almada Negreiros, os efeitos desejados:

(...) oxalá o fizessem assim aqueles que se têm utilizado da telefonía para nos dar teatro. Pegam no teatro tal qual o encontram e parece-lhes o bastante dizê-lo pela rádio para que logo a alguém pareça aquilo teatro radiofónico.

O teatro radiofónico não está a criar a “ilusão da arte”, condição inerente à concepção estética de Almada:

As verdadeiras maçadas da rádio têm sido as peças teatrais que nos transmitem de vez em quando, acompanhadas por ruídos realistas com o fim louvável de nos chegarem mais perto dos lugares de acção.

“E a arte é mais do que apenas o conhecimento da natureza, é também a imaginação humana” — recorda o autor na palestra “O Cinema é uma Coisa e o Teatro é Outra” (Negreiros 1935, 17). Nesta perspectiva, o teatro radiofónico

só conseguirá chegar ao ouvinte através da ilusão — o único meio para criar imagens a partir das vozes e dos sinais sonoros. A ausência do lado visual constitui a primeira grande limitação do teatro radiofónico; mas, ao mesmo tempo, o principal impulso à sua criação:

Ora o teatro é essencialmente espectáculo. A palavra espectáculo está estreitamente ligada à palavra teatro. Ambos atraem a atenção pela vista. Como levar então o espectáculo de teatro ao cego aparelho da rádio?

Como se consegue um bom espectáculo de teatro radiofónico? É a pergunta que Almada faz reverberar nos microfones da Emissora Nacional. E o autor da *Direcção Única* não sugere qualquer fórmula — simplesmente reconhece que o teatro radiofónico que é ouvido no nosso país, em 1935, não está a resultar.

Parece desagradável, e sobretudo sendo eu verdadeiro entusiasta de toda e qualquer linguagem de arte, ter aceite o convite da Emissora Nacional para falar sobre telefonia e teatro e apresentar-lhe pessoalmente este resultado tão negativo.

Ainda assim, Almada acredita que o teatro poderá existir na telefonia, sem ser necessário subjugar-se às restrições da rádio ou anular a poesia da sua própria linguagem de arte. Mas, para tal, num exercício de meta-reflexão, o teatro radiofónico deverá avaliar as suas debilidades e antecipar modos próprios de comunicar com os ouvintes.

Assim como às vezes vamos ao cinema, não [só] para tornarmos a ver um determinado filme que gostamos de seguir de novo, como para depois de passada já toda a surpresa da novidade da estreia podermos então serenamente meditar os segredos da manufactura, (...) assim também ao escutar a rádio devemo-nos adiantar aos futuros autores do teatro radiofónico, analisando a maneira como se conjugam os nossos sentimentos humanos com os sons emitidos longe dos nossos ouvidos e tornando a nossa imaginação ao seu dispor.

Portanto, o teatro radiofónico encontrará a sua linguagem de arte quando conseguir transportar o ouvinte para um outro universo, o da ilusão, e não para um palco de teatro ou um estúdio de rádio.

Antes de terminar esta sua palestra, Almada Negreiros anuncia uma outra mudança que estaria para breve — a chegada da televisão (o que de qualquer modo só aconteceria em Portugal, em 1956) — e que iria recriar a linguagem do teatro. Para além do som, o teatro televisivo — ou o “espectáculo radiofotofónico”, como o designa Almada, conquistará a imagem, chegando pela vista à imaginação de cada espectador.

Por enquanto conhecemos apenas a voz da T.S.F.

Amanhã conheceremos também os olhos da T.S.F. E uma vez conjugadas a voz e os olhos da T.S.F., o som e a imagem emitidos conjugadamente longe dos espectadores, é bem fatal que os artistas estejam já capazes de serem os autores dessa nova linguagem da arte.

Em 1935, *A Radiotelefonía e o Teatro* foi uma palestra radiofónica, com os ritmos e as pausas modelados pela voz de Almada Negreiros através dos microfones. Os seus ouvintes apreenderam este texto pelos sons e pelos silêncios e a forma como foi lido terá, inevitavelmente, influenciado no modo como foi entendido. Hoje, *A Radiotelefonía e o Teatro* é apenas um texto escrito, sem as virtualidades *performativas* do texto dito. E mesmo que seja lido em voz alta, não voltará a ter o timbre interpretativo que o próprio Almada, um dia, lhe imprimiu. Apesar disso, enquanto texto escrito, a palestra *A Radiotelefonía e o Teatro* cumpre hoje, ainda que de um modo muito particular, o desígnio de nos transportar para a problemática da linguagem das artes. E, sendo um texto inédito, tem em si a novidade das afirmações de Almada que em muito contribuem para o desenho da sua estética de teatro.

Em 1935, Almada é voz para os ouvintes que o imaginam na eloquência do seu discurso. Mais tarde, em 1969, Almada é voz e gestos para todos os telespectadores que o vêem no programa Zip-Zip, na ilusão do pequeno ecrã.

Da rádio para a televisão, tal como previa, a palavra concretiza-se como espectáculo — já que “o espectáculo é ver, ver”.

E qual *menino de olhos de gigante*, Almada vê na linguagem das artes o palco para criar — exclusivamente sob a batuta da imaginação.

BIBLIOGRAFIA

- Boletim da Emissora Nacional*, n.º 1, Agosto 1935.
JÚDICE, Nuno, *Sudoeste* (Edição Fac-similada), Lisboa, Contexto Editora, 1982.
NEGREIROS, José de Almada, *A Radiotelefonía e o Teatro: Palestra radiofónica pela Emissora Nacional*, Lisboa, [1935], dactiloscrito ANSA-L-124.
Sudoeste: cadernos de Almada Negreiros, 2, Lisboa, Edições SW, Out. 1935.
QUEIROZ, Carlos, “O Problema do Teatro Radiofónico”, *Rádio Nacional*, Lisboa, Agosto a Dezembro de 1939.

José de Almada Negreiros

A Radiotelefonía e o Teatro

*Palestra radiofónica pela Emissora Nacional*⁵

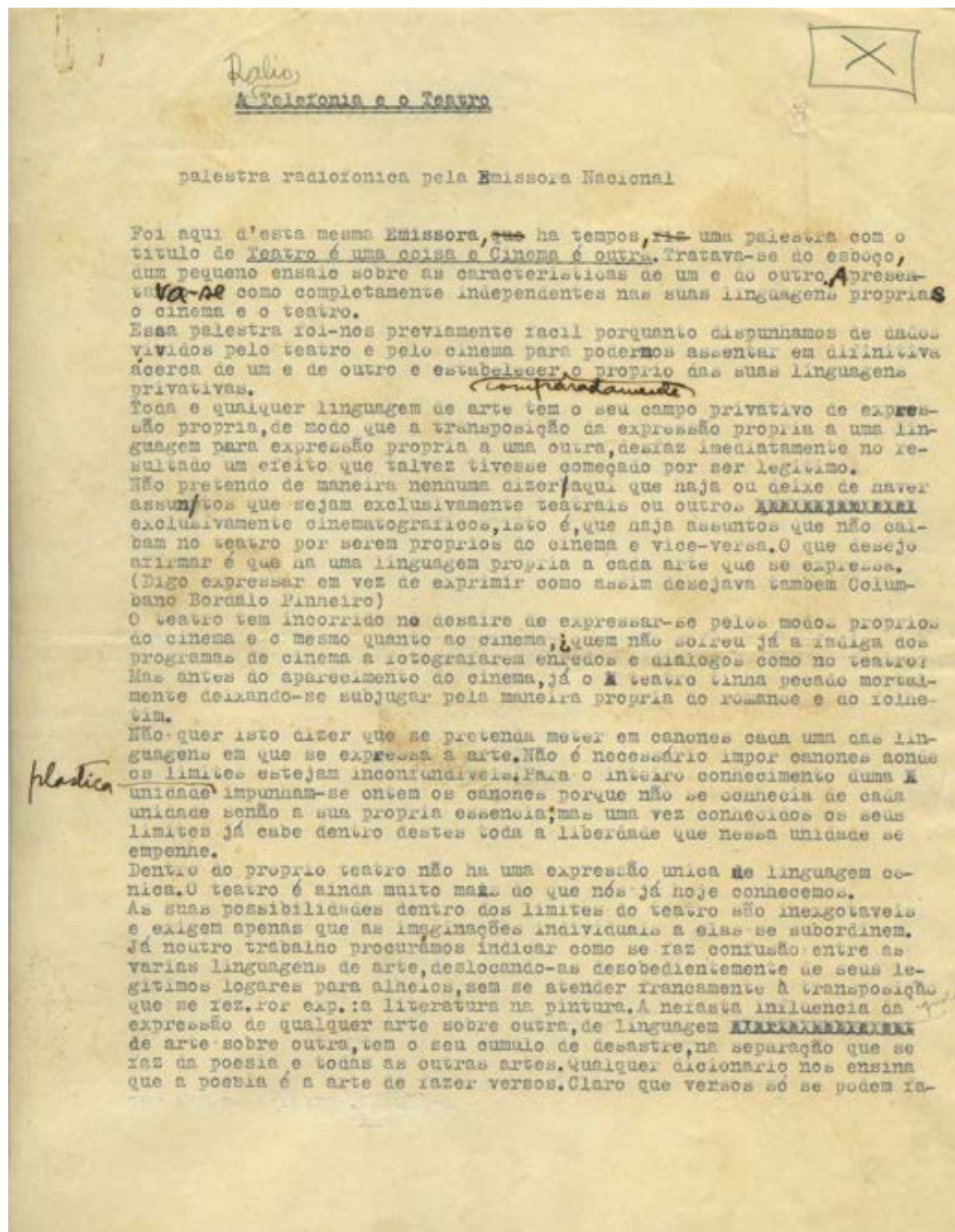
Foi aqui desta mesma Emissora, há tempos, uma palestra com o título de *Teatro é uma Coisa e Cinema é Outra*. Tratava-se do esboço dum pequeno ensaio sobre as características de um e do outro. Apresentava-se como completamente independentes nas suas linguagens próprias o cinema e o teatro.

Essa palestra foi-nos previamente fácil porquanto dispúnhamos de dados vividos pelo teatro e pelo cinema para podermos assentar em definitiva acerca de um e de outro e estabelecer comparadamente o próprio das suas linguagens privativas.

Toda e qualquer linguagem de arte tem o seu campo privativo de expressão própria, de modo que a transposição da expressão própria a uma linguagem para expressão própria a uma outra, desfaz imediatamente no resultado um efeito que talvez tivesse começado por ser legítimo.

Não pretendo de maneira nenhuma dizer aqui que haja ou deixe de haver assuntos que sejam exclusivamente teatrais ou outros exclusivamente cinematográficos, isto é, que haja assuntos que não caibam no teatro por serem próprios do cinema e vice-versa. O que desejo afirmar é que há uma linguagem própria a cada arte que se expressa. (Digo expressar em vez de exprimir como assim desejava também Columbano Bordalo Pinheiro).

O teatro tem incorrido no desaire de expressar-se pelos modos próprios do cinema e o mesmo quanto ao cinema; quem não sofreu já a fadiga dos programas de cinema a fotografarem enredos e diálogos como no teatro? Mas antes do aparecimento do cinema, já o teatro tinha pecado



⁵ Texto inédito. A transcrição segue os critérios estabelecidos pela equipa editorial da *Obra Literária de José de Almada Negreiros* (Assírio & Alvim). São corrigidas gralhas evidentes e lapsos de pontuação. A ortografia é atualizada segundo as normas vigentes antes do novo acordo. Sublinhados do autor.

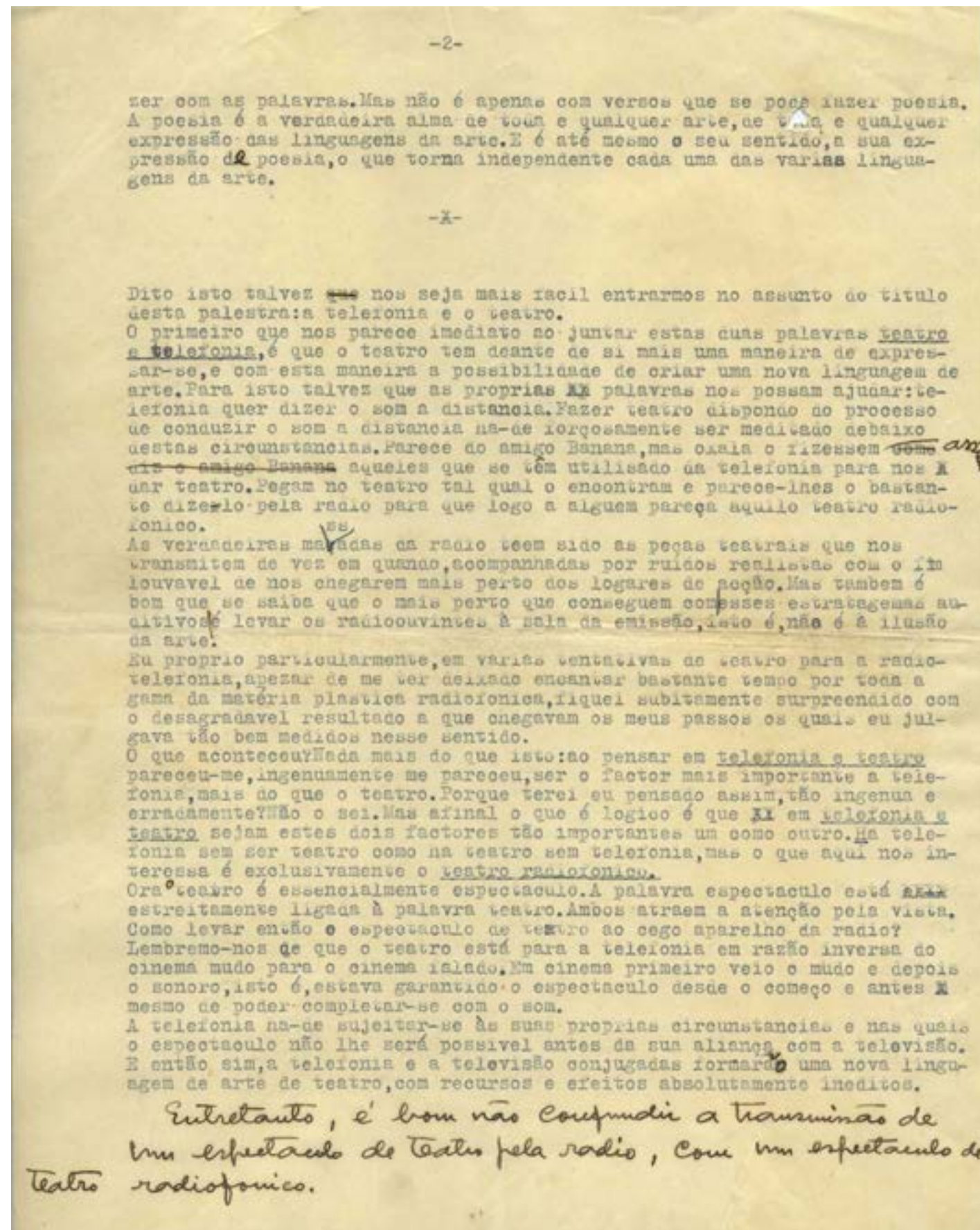
mortalmente deixando-se subjugar pela maneira própria do romance e do folhetim.

Não quer isto dizer que se pretenda meter em cânones cada uma das linguagens em que se expressa a arte. Não é necessário impor cânones aonde os limites estejam inconfundíveis. Para o inteiro conhecimento duma unidade plástica impunham-se ontem os cânones porque não se conhecia de cada unidade senão a sua própria essência; mas uma vez conhecidos os seus limites já cabe dentro destes toda a liberdade que nessa unidade se empenhe.

Dentro do próprio teatro não há uma expressão única de linguagem cénica. O teatro é ainda muito mais do que nós já hoje conhecemos. As suas possibilidades dentro dos limites do teatro são inesgotáveis e exigem apenas que as imaginações individuais a elas se subordinem. Já noutra trabalho procurámos indicar como se faz confusão entre as várias linguagens de arte, deslocando-as desobedientemente de seus legítimos lugares para alheios, sem se atender francamente à transposição que se fez. Por exemplo: a literatura na pintura. A nefasta influência da expressão de qualquer arte sobre outra, de linguagem de arte sobre outra, tem o seu cúmulo de desastre na separação que se faz da poesia e todas as outras artes. Qualquer dicionário nos ensina que a poesia é a arte de fazer versos. Claro que versos só se podem fazer com as palavras. Mas não é apenas com versos que se pode fazer poesia. A poesia é a verdadeira alma de toda e qualquer arte, de toda e qualquer expressão das linguagens da arte. E é até mesmo o seu sentido, a sua expressão de poesia, o que torna independente cada uma das várias linguagens da arte.

Dito isto talvez nos seja mais fácil entrarmos no assunto do título desta palestra: a radiotelefonía e o teatro.

O primeiro que nos parece imediato ao juntar estas duas palavras *teatro* e *telefonía*, é que o teatro tem diante de si mais uma maneira de expressar-se, e com esta maneira a possibilidade de criar uma nova linguagem de arte. Para isto



talvez que as próprias palavras nos possam ajudar: telefonia quer dizer o som à distância. Fazer teatro dispondo do processo de conduzir o som à distância há-de forçosamente ser meditado debaixo destas circunstâncias. Parece do amigo Banana, mas oxalá o fizessem assim aqueles que se têm utilizado da telefonia para nos dar teatro. Pegam no teatro tal qual o encontram e parece-lhes o bastante dizê-lo pela rádio para que logo a alguém pareça aquilo teatro radiofónico.

As verdadeiras maçadas da rádio têm sido as peças teatrais que nos transmitem de vez em quando, acompanhadas por ruídos realistas com o fim louvável de nos chegarem mais perto dos lugares de acção. Mas também é bom que se saiba que o mais perto que conseguem com essas estratégias auditivas é levar os rádio-ouvintes à sala de emissão, isto é, não é a ilusão da arte.

Eu próprio particularmente, em várias tentativas de teatro para a radiotelefonia, apesar de me ter deixado encantar bastante tempo por toda a gama da matéria plástica radiofónica, fiquei subitamente surpreendido com o desagradável resultado a que chegavam os meus passos os quais eu julgava tão bem medidos nesse sentido.

O que aconteceu? Nada mais do que isto: ao pensar em *telefonia* e *teatro* pareceu-me, ingenuamente me pareceu, ser o factor mais importante a telefonia, mais do que o teatro. Porque terei eu pensado assim, tão ingénua e erradamente? Não o sei. Mas afinal o que é lógico é que em *telefonia* e *teatro* sejam estes dois factores tão importantes um como o outro. Há telefonia sem ser teatro como há teatro sem telefonia, mas o que aqui nos interessa é exclusivamente o *teatro radiofónico*.

Ora o teatro é essencialmente espectáculo. A palavra espectáculo está estreitamente ligada à palavra teatro. Ambos atraem a atenção pela vista. Como levar então o espectáculo de teatro ao cego aparelho da rádio?

Lembremo-nos de que o teatro está para a telefonia em razão inversa do cinema mudo para o cinema falado. Em cinema primeiro veio o mudo e depois o sonoro, isto é, estava garantido o espectáculo desde o começo e antes mesmo de poder completar-se com o som.

A telefonia há-de sujeitar-se às suas próprias circunstâncias e nas quais o espectáculo não lhe será possível antes da sua aliança com a televisão. E então sim, a telefonia e a televisão conjugadas formarão uma nova linguagem de arte de teatro, com recursos e efeitos absolutamente inéditos.

Entretanto, é bom não confundir a transmissão de um espectáculo de teatro pela rádio, com um espectáculo de teatro radiofónico.

Parece desagradável, e sobretudo sendo eu verdadeiro entusiasta de toda e qualquer linguagem de arte, ter aceite o convite da Emissora Nacional para falar sobre telefonia e teatro e apresentar-lhe pessoalmente este resultado tão negativo.

Mas simplesmente não é negativo, nem sequer por enquanto, até que nos chegue a televisão.

Não só à radiotelefonia lhe cabe grandemente a transmissão duma imensa variedade de espectáculos que os rádio-ouvintes podem facilmente completar com os seus próprios conhecimentos e imaginação, como também, e principalmente, já estão em jogo inúmeros valores da plástica de teatro radiofónico que os futuros autores não

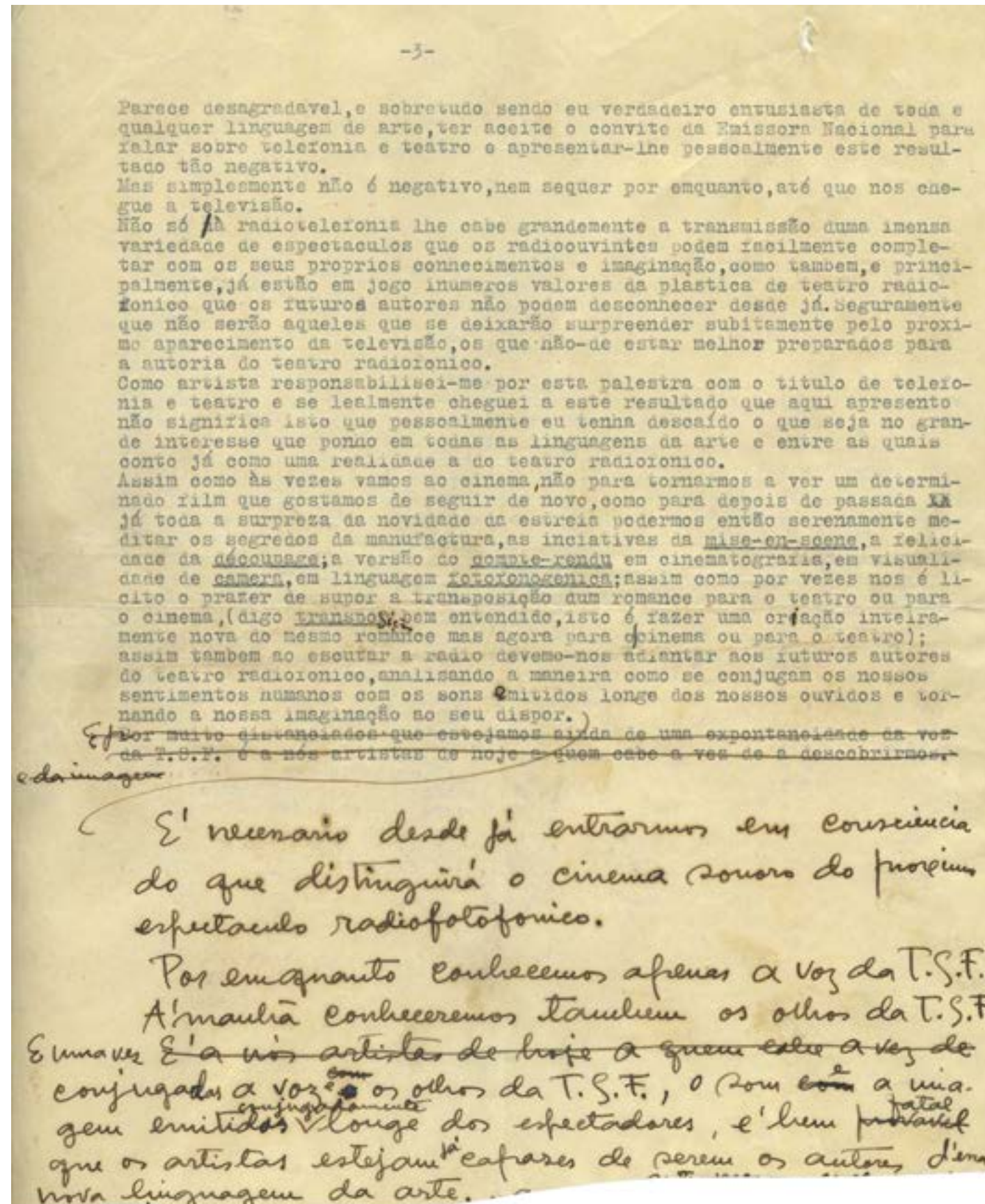
podem desconhecer desde já. Seguramente que não serão aqueles que se deixarão surpreender subitamente pelo próximo aparecimento da televisão, os que hão-de estar melhor preparados para a autoria do teatro radiofónico.

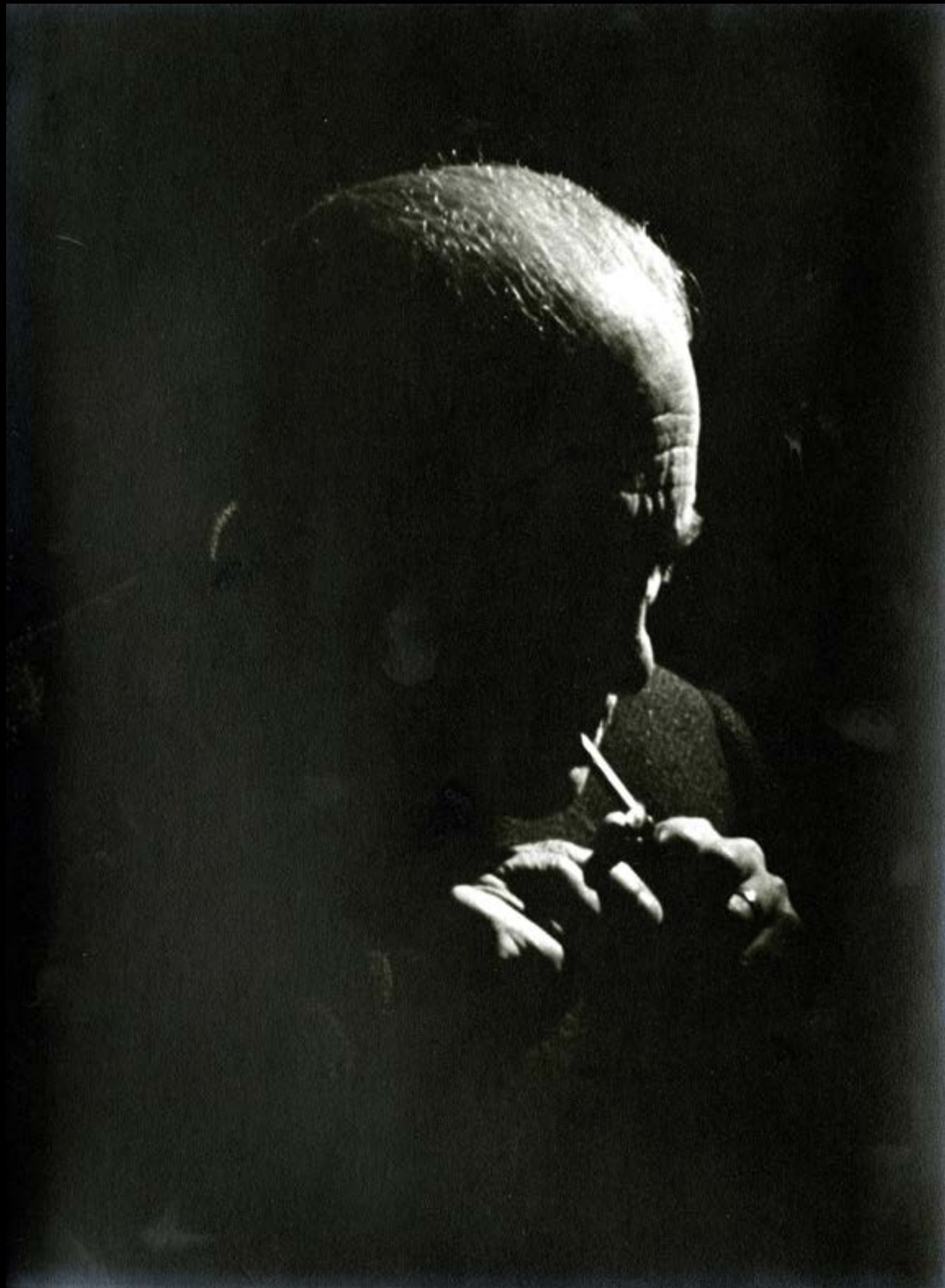
Como artista responsabilizei-me por esta palestra com o título de telefonia e teatro e se lealmente cheguei a este resultado que aqui apresento não significa isto que pessoalmente eu tenha descaído o que seja no grande interesse que ponho em todas as linguagens da arte e entre as quais conto já como uma realidade a do teatro radiofónico.

Assim como às vezes vamos ao cinema, não para tornarmos a ver um determinado filme que gostamos de seguir de novo, como para depois de passada já toda a surpresa da novidade da estreia podermos então serenamente meditar os segredos da manufactura, as iniciativas da “mise-en-scene”, a felicidade da “decoupage”; a versão do “compte-rendu” em cinematografia, em visualidade de “câmara”, em linguagem “fotofonogénica”; assim como por vezes nos é lícito o prazer de supor a transposição dum romance para o teatro ou para o cinema, (digo *transposição* bem entendido, isto é, fazer uma criação inteiramente nova do mesmo romance, mas agora para o cinema ou para o teatro); assim também ao escutar a rádio devemos-nos adiantar aos futuros autores do teatro radiofónico, analisando a maneira como se conjugam os nossos sentimentos humanos com os sons emitidos longe dos nossos ouvidos e tornando a nossa imaginação ao seu dispor. É necessário desde já entrarmos em consciência do que distinguirá o cinema sonoro do próximo espectáculo radiofotofónico.

Por enquanto conhecemos apenas a voz da T.S.F.

Amanhã conheceremos também os olhos da T.S.F. E uma vez conjugadas a voz e os olhos da T.S.F., o som e a imagem emitidos conjuntamente longe dos espectadores, é bem fatal que os artistas estejam já capazes de serem os autores dessa nova linguagem da arte.





—
José de Almada Negreiros,
Lisboa, [196-]